

COQUINAS E CONCENTRAÇÕES COQUINÓIDES EOCRETÁCEAS DO BRASIL

Maria Helena Hessel¹; Gabriela Karine de Carvalho²; Christiano Magini³; Alexandre Magno Feitosa Sales⁴

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ; ² UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ; ³ UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ; ⁴ UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

RESUMO: Durante o Eocretáceo, com a quebra do supercontinente Gondwana e o aquecimento global que se instalava em todo o planeta, muitas terras baixas foram alagadas, formando lagos, lagunas e mares epicontinentais, ambientes reconhecidamente propícios para a deposição de bioclastos provenientes de organismos de águas rasas. No continente sul-americano não foi diferente, como atestam diversas rochas de origem biogênica encontrados em bacias sedimentares brasileiras. Existem depósitos de coquinas eocretáceas, pré-saliníferas, com vários metros de espessura nas bacias de Santos, Campos, Espírito Santo e Sergipe-Alagoas. Na Bacia do Recôncavo, as coquinas possivelmente foram erodidas (Jefferson Luiz Dias, 1993, dissertação de mestrado). Nas bacias de Santos (Grupo Guaratiba) e do Espírito Santo (Grupo Nativo), as coquinas de bivalvíos são de ocorrência menor, intercaladas em folhelhos, sendo as da última bacia datadas do Neobarremiano (biozona Petrobrasia diversicostata). Na Formação (ou Grupo) Lagoa Feia da Bacia de Campos, as coquinas correspondem à sub-biozona Cypridea (Pseudocypridina) faveolata e biozona Limnocythere troelsenii, compreendidas entre o Neobarremiano e Eoaptiano. Nesta bacia, as coquinas são bioacumulações de bivalvíos e de fragmentos de suas conchas retrabalhadas e depositadas in situ. A boa preservação das conchas é devida à alta alcalinidade ambiental, pois foram depositadas formando bancos subparalelos à linha de costa em enseadas e em lagos de praia de águas salinas. A permo-porosidade destas coquinas é variável, em parte devida à exposição subaérea e dissolução carbonática por águas meteóricas, o que possibilitou a formação de porosidade secundária, importante para que se tornassem coquinas-reservatório de hidrocarbonetos. Elas se encontram em folhelhos e são seguidas pela deposição de evaporitos. Na Bacia de Sergipe-Alagoas, as coquinas ocorrem na Formação Morro do Chaves, em depósitos correspondentes à biozona Petrobrasia diversicostata (Neobarremiano), como na Bacia do Espírito Santo. As coquinas de Alagoas, com variação vertical de porosidade, formam camadas lenticulares com espessuras de até 4,5m, entre arenitos de provável origem fluvial. Os milhares de conchas bem preservadas pertencem a uma bivalviofauna pouco diversificada, revelando certa restrição ambiental nas lagunas de sua origem. Na Bacia do Araripe, contrariamente às bacias marginais, os depósitos com bivalvíos abundantes são pós-saliníferos, pertencentes ao Membro Romualdo (Eoalbiano) da Formação Santana. São concentrações coquinóides pouco espessas (centimétricas), pouco porosas e muito litificadas, entremeadas em folhelhos e margas, depositadas in situ, provavelmente em um ambiente de laguna rasa, com alguma comunicação com o oceano. Sabe-se que alguns fatores favorecem a formação de acumulações de bivalvíos, como uma abundante biota de moluscos que forneça os bioclastos, um ambiente subaquático raso (golfo, baía, estuário, mar epicontinental, etc.), uma topografia que ofereça um refúgio relativamente calmo (enseada, banco submerso, etc.), uma dinâmica aquática ou climática capaz de acumular conchas centimétricas, e uma diagênese que favoreça e/ou providencie uma boa porosidade da rocha, uma das características que distingue as coquinas de outras acumulações fossilíferas. As ocorrências acima comentadas mostram que coquinas eocretáceas brasileiras foram formadas no período pré-sal, relacionadas à abertura do Atlântico Sul, e que, em período pós-salinífero, temos apenas concentrações coquinóides, muito cimentadas, depositadas noutro contexto sedimentar.

PALAVRAS-CHAVE: COQUINA; EOCRETÁCEO; BRASIL.